

EUTOMIA

REVISTA ONLINE
DE LITERATURA E LINGUÍSTICA



Poesia

Edson Cruz

bile negra

há manhãs quando
nem o cheiro
do café
o jornal aberto
sobre a mesa
o sorriso franco
da amada
o chamado doce
de meu filho
o latido amigo
do cachorro
o frescor florido
da jabuticabeira
o canto verde
das maritacas
o azul-celeste
de janeiro
suprem o oco
do corpo a corpo
com a vida
o sumo
desperdiçado
a dádiva
imerecida

caravana solitária

duas flores desiguais: o amor e o desamor. entre a pétala e a sépala floresce um cosmos. do nascimento à morte o mistério jaz. de um limite ao outro o extremo se perfaz. há gente que mata como quem vive. há outros que imitam um serial killer.

de tudo sobra quase nada. gota de orvalho na manhã do Saara.

os cães já não me seguem. os lugares todos me desertam. vivo pisando no chão dos nefelibatas. toda a vida é um acontecimento sinistro. o segredo da noite recolhe meus cacos. uma flor oferece seu pistilo. eu sigo acariciando meu destino.

lágrimas

Ano Bom Arzila Ormuz Azamor
Ceuta Flores Agadir Safim
Tanger Acra Angola Mogador

Aguz Cabinda Cabo Verde Arguim
São Jorge da Mina Fernando Pó
Costa do Ouro Portuguesa Zanzibar

Melinde Mombaça Moçambique
Guiné Portuguesa Macassar
Quíloa São Tomé e Príncipe Mascate

Fortaleza de São João Baptista de Ajudá
Socotorá Ziguinchor Bahrain Paliacate
Alcácer-Ceguer Bandar Abbas Cisplatina

Ceilão Laquedivas Maldivas Baçaim
Calecute Cananor Chaul Chittagong
Cochim Cranganor Damão Bombaim

Dadrá e Nagar-Aveli Damão Mangalore
Diu Goa Hughli Nagapattinam
Coulão Thoothukudi Salsette Masulipatão

Surate Nagasaki Timor-Leste
São Tomé de Meliapore Mazagão
Malaca Molucas Guiana Francesa

Nova Colónia do Sacramento Bante
Brasil
Macau

Portugal
Oh sal que corrói a pele de nossas almas.

samsara

tudo se transforma
nonada
que não quer ser

algo vira mônada
mais que nada
outra coisa vem
a ser

do feitio que ela
a vida
quando mesmo bela
se desativa

a chama passa
a se chamar
morte

aquele ténue
des
 equilíbrio
de quem foi
flama
e agora precisa
 renascer

sol negro

os jornais me ferem
todas as manhãs
a morte me diz bom dia
manchando minhas digitais
com seu nanquim corrosivo

em meus braços
um sol negro

e x p l o d e

com fúria de Ísis
a radiar pedaços tenros.

aquela mãe assassinou seus oito filhos
aquele outro estuprou a própria filha.

a dita cuja deixou seu bebê rolar
nos trilhos de um trem em movimento.

o dito cujo esqueceu seu filho no carro
e sob sol escaldante foi pra academia.

[o tempo parou por um segundo-eternidade]

atiraram no dramaturgo
metralharam a poesia
dia a dia

tudo o que é humano
se tornou estranho
os átomos todos
foram maculados

agora só nos resta
o vazio
com seus espaços povoados
de dor.

epifania

um girassol ilumina
o silêncio

das coisas sem voz
dos seres sem vez

de tudo que nunca
veio a ser

ⁱ EDSON CRUZ (Ilhéus, BA) é poeta, editor e revisor publicitário. Foi fundador e editor do site de literatura *Cronópios* (até meados de 2009) e da revista literária *Mnemozine*. Em 2007, lança *Sortilégio* (poesia), pelo selo Demônio Negro/Annablume e, como organizador, *O que é poesia?*, pela Confraria do Vento/Calibán. Lançou, também, uma adaptação do épico indiano, *Mahâbhârata*, pela Paulinas Editora. Em 2011, lança seu poemário *Sambaqui*, pela Crisálida Editora. É professor no Curso Prática de Criação Literária da UnicSul/Terracota Editora, no Módulo Poema. E-mail: sonartes@gmail.com Blogue: <http://sambaquis.blogspot.com>